

## A PRESENÇA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA LITERATURA INFANTIL E NA LITERATURA POPULAR

Neide Medeiros Santos \*

É difícil determinar quando surgiu a arte de contar histórias. Chamamos arte, porque sabemos que o bom contador de histórias é também um artista.

Nas comunidades primitivas, o contador de histórias era uma pessoa muito respeitada e querida. Em uma sociedade que desconhecia os meios de comunicação de massa (rádio e televisão), ele preenchia com seus relatos, as longas noites vazias.

Nas sociedades indígenas, o contador é uma espécie de memória da tribo. Ele conhece – e transmite aos mais novos – velhas e verdadeiras histórias (histórias) sobre o passado.

No Brasil, a tradição de contar histórias é uma herança nigeriana. Nina Rodrigues, ao recolher os contos populares negro-brasileiros, encontrou mais semelhanças com os contos iorubas.

Na Nigéria, os narradores de histórias constituem uma casta especial. O Chefe recebe a denominação de “ologbô” ou conselheiro; os demais narradores são chamados de “arokins” e têm a missão de narrar as tradições nacionais e as crônicas do passado. O “akpalô” é o narrador de histórias populares, o fazedor de canto ou “alô”. A função do “akpalô” é a de ir de tribo a tribo, de se deslocar de um lugar para outro, recitando os seus “alôs”.

Esta tradição, advinda da Nigéria, conservou-se na Bahia e em alguns estados do nordeste brasileiro. As contadeiras nordestinas são, portanto, representantes dos “akpalôs”.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) revelam que antes de 1930 (período anterior à exigência de escolarização) as crianças brasileiras recebiam uma grande influência das amas-de-leite, escravas ou ex-escravas, a

quem cabia, entre outras tarefas, transmitir os relatos que, mais tarde, são encontrados nas obras de autores como Monteiro Lobato (*Histórias de tia Nastácia*, 1937), José Lins do Rego (*Histórias da velha Totônia*, 1936), Luís Jardim (*O boi Aruá*, 1940) e Graciliano Ramos (*Alexandre e outros heróis*, 1945).

Vejamos como se apresentam os “akpalôs” brasileiros nos livros citados.

Tia Nastácia, personagem criada por Monteiro Lobato, revela algumas afinidades com os contadores africanos. Sua presença se faz mais marcante no livro “*Histórias de tia Nastácia*”. Este livro é composto de 43 histórias e apenas sete são de origem estrangeira. As histórias, contadas por Tia Nastácia às crianças que habitam no Sítio do Pica-Pau-Amarelo, procuram valorizar as nossas raízes culturais e vêm marcadas pela simplicidade de linguagem. Tia Nastácia difere do akpalô porque não se desloca de um lugar para outro.

José Lins do Rego talvez tenha sido o mais feliz na escolha da contadeira de histórias. A velha Totônia reúne as principais características do akpalô: deslocava-se de um engenho para outro, narrava histórias com riqueza mímica e procurava dar um tom local às suas narrativas.

A respeito da velha Totônia e da sua arte de contar histórias, é bom lembrar o que conta José Lins do Rego:

“Duas coisas fundamentais constituíram minha formação de romancista: a velha Totônia e “*Os Doze pares de França*”, de Carlos Magno, livro de cavalaria que li no Instituto Nacional do Carmo (em Itabaiana) quando tinha 10 anos. Foi este o primeiro livro de que li, além dos vários de escolas”.<sup>1</sup>

Ainda com relação à velha Totônia, prossegue o escritor:

“A Totônia era uma velha, sogra de um marceneiro do Engenho Corredor chamado ‘seu’ Águida. Ela vivia passando pelo engenho com a finalidade de contar histórias – era um contador de histórias – profissão que existia no Nordeste e hoje desapareceu. Os contadores de histórias eram profissionais como outro qualquer – chegavam nos engenhos, hospedavam-se, sendo bem tratados, e recebiam seus honorários para contar histórias aos meninos e às vezes aos graúdos”.<sup>2</sup>

Porém, o que mais encantava Zé Lins era o talento admirável que a velha possuía para falar em nome dos personagens. Embora não tivesse nenhum dente na boca, Totônia imitava a voz de todos os personagens.

Tem razão Cavalcante Proença (1966), quando afirma que a arte de persuadir e convencer Zé Lins a imitou da linguagem rítmica dos contadores de histórias do Nordeste, transnarrados pela velha Totônia, com aquele traço de aclimação de personagens e cenários qualquer que fosse a fonte de narrativas. Assim, a história do Barba-Azul, possivelmente, nascida na França, rein-

\* Profa. de Literatura Infanto-Juvenil e Coordenadora de Programa de Pesquisas em Literatura Popular da UFPB.

ventada por Totônia, adquiria um tom local – Barba Azul era nordestino e senhor de engenho.

Sá Dondom é uma personagem, criada por Luís Jardim, que também se identifica com um “akpaló”. Ela conta histórias para um público ouvinte, formado por três crianças: Joãozinho, Pedro e Juca. Na opinião dos meninos, Sá Dondom sabia contar histórias de trancoso como ninguém, mas tinha um defeito – não gostava de ser interrompida nos seus relatos.

O texto que se segue elucida o tom autoritário que Sá Dondom imprimia ao ambiente, quando contava histórias:

“– Disse que era uma vez uma fazenda bem lá no alto sertão. O dono dela era um homem podre de rico. Possuía tanta cabeça de gado que ninguém podia contar. Não se acabava mais...

– Cabeça de gado?

– Sim, menino perguntador! Cabeça de gado não pense que é só a cabeça de boi não! É cabeça e corpo e tudo! Quando a gente lá no sertão diz cabeça de gado quer dizer uma rês.

(...)

E agora faça o favor de não perguntar mais nada, porque senão eu paro e conte quem quiser. Basta de tanta pergunta!

Sá Dondom passou um olhar branco e zangado em cima do Juca, e continuou:”<sup>3</sup>

Sá Dondom, como a velha Totônia, andava léguas e léguas para contar histórias às crianças.

Em “Alexandre e outros heróis”, vamos encontrar um contador de histórias que é uma espécie de rapsodo. Alexandre é um mentiroso nato que conta “causos façanhudos” para um público adulto, constituído de pessoas humildes – um cego, um curandeiro, um cantador de emboladas e uma benzedeira de quebrantos.

Quanto à originalidade das histórias de Alexandre, o próprio Graciliano afirma que elas não são originais, pertencem ao folclore nordestino e talvez algumas tenham sido escritas.

A homenagem às contadeiras e contadores de histórias não fica restrita apenas à prosa. Ascenso Ferreira, no poema “Minha escola”, reverencia, de forma carinhosa, aquela que lhe contou lindas histórias do reino da Mãe d’Água e lhe ensinou a tomar a benção à lua nova.

Assim, o autor de Catimbó, concluiu o poema “Minha escola”

(...)

Felizmente, à boca da noite,

eu tinha uma velha que me contava histórias...

Lindas histórias do reino da Mãe d’Água...

E me ensinava a tomar benção à Lua nova”<sup>4</sup>

A velha que contava histórias ao menino Ascenso representa ao lado bom da vida, contrapondo-se à escola que é apresentada, neste mesmo poema, de forma muito negativa.

Na poesia popular, encontramos vários textos em que se sente a presença de um contador de histórias, merecendo também destaque o problema da leitura.

Zé da Luz, no poema “Confissão de Cabôco”, conta a história de um matuto analfabeto que, desconfiado da traição da mulher e, pensando que o bilhete que a mesma mandara para o suposto amante era um bilhete amoroso, resolve matá-la. Depois do crime, descobre que a mulher era inocente e termina a sua história com estes versos:

“Matei Maria somente  
Pruquê não aprendi a lê.

Infeliz de quem não leu  
Uma carta de ABC.

Imagine agora o Doutô  
Quanto é grande o meu sofrê!

Sou duas vês criminoso,  
Qui castigo, seu Doutô!  
Qui mizêra! Qui horrô!  
Qui crime não sabê lê! ! !”<sup>5</sup>

O cordelista José Costa Leite escreveu um folheto que fala sobre um homem que era pobre porque não sabia ler. Com 60 anos, Jordão, o herói da história, resolve se matricular em uma escola e admite que o fato de aprender a ler irá resolver seus problemas financeiros. Realmente ele aprende a ler e fica “quase rico sem querer”. Mas o fator de sua riqueza foi ter encontrado um “papo de emá” cheio de dinheiro no caminho da escola. Valeu também a esperteza de sua mulher que não devolveu o dinheiro aos verdadeiros donos.

Comparando-se os textos de literatura infantil com os textos de literatura popular em que aparecem as figuras dos contadores de histórias, observamos que nos primeiros não existe a preocupação com a leitura. Estes contadores estão próximos daquele tempo feliz de que fala Lukács – um tempo sem preocupação com perguntas e respostas. Era suficiente olhar o céu e as estrelas e ler o mundo.

Tia Nastácia, Sá Dondom, a velha Totônia e Alexandre estavam mais voltados para a leitura do mundo do que para a leitura da palavra

O poeta popular já tem consciência da importância do ato de ler. Ele ainda não atingiu o estágio de um Paulo Freire que considera a leitura uma interpretação de vida que ajuda o indivíduo a transformar o mundo, mas ele sabe que vivemos em uma sociedade onde a leitura é uma forma de dar voz ao cidadão.

Zé da Luz e José Costa Leite se colam para os leitores, enquanto os outros estão voltados para os ouvintes.

Por último, convém frisar que a literatura erudita se utiliza, com frequência, dos recursos das narrativas orais e populares. Um dos grandes livros da literatura brasileira (Grande Sertão & Veredas) deita suas raízes nos relatos transmitidos pelos contadores de histórias. E Érico Veríssimo, consciente de sua missão de escritor, gostava de ser considerado apenas um contador de histórias.

#### NOTAS

- 1) MARTINS, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a obra*. João Pessoa, A União, 1980, p. 38.
- 2) Op. cit., p. 38.
- 3) JARDIM, Luís. *O boi Aruá*. 17ª ed. Rio, José Olympio, 1986, p. 9.
- 4) FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife, Nordestal, 1983, p. 43.
- 5) LUZ, Zé da. *Brasil Caboclo*. 6ª ed. João Pessoa, Acauã, 1988, p. 129.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
- FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife, Nordestal, 1981.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1984.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 14ª ed. Recife, Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 1970.
- JARDIM, Luís. *O boi Aruá*. 17ª ed. Rio, José Olympio, 1986.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo, Ática, 1984.

- LEAL, José Carlos. *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro, Conquista, 1985.
- LEITE, José Costa. *O homem que era pobre porque não sabia ler*. (folheto de cordel). Guarabira, Tip. Pontes, s/d.
- LOBATO, Monteiro. *Histórias de tia Nastácia*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1968.
- LUKÁCS, Georg. *El alma y las formas. La teoría de la novela*. Barcelona, Buenos Aires, México, D.F. 1975.
- LUZ, Zé da. *Brasil Caboclo*. 6ª ed. João Pessoa, Acauã, 1988.
- MARTINS, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a obra*. João Pessoa, A União, 1980.
- RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 17ª ed. Rio, São Paulo, Record, 1979.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira*. 1º volume, 2ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 11ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.
- SILVA, Ezequiel T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1981.